

Conclave

ROBERT HARRIS

Conclave

TRADUÇÃO
Braulio Tavares

ALFAGUARA


Copyright © 2016 by Robert Harris

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Conclave

Capa

Glenn O'Neill

Composição fotográfica de capa

Colin Thomas e Alamy images

Mapa

Darren Bennett

Preparação

Isis Pinto

Revisão

Huendel Viana

Adriana Bairrada

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Harris, Robert, 1957–

Conclave / Robert Harris ; tradução Braulio Tavares.

— 1ª ed. — Rio de Janeiro : Alfaguara, 2020.

Título original: Conclave.

ISBN: 978-85-5652-099-9

1. Ficção inglesa 2. Suspense — Ficção 1. Título.

20-32954

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823

Maria Alice Ferreira – Bibliotecária – CRB-8/7964

[2020]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/editora.alfaguara

instagram.com/editora_alfaguara

twitter.com/alfaguara_br

Para Charlie

Nota do autor

Embora neste romance eu tenha usado, por uma questão de autenticidade, os títulos reais (arcebispo de Milão, decano do Colégio dos Cardeais e assim por diante), usei-os apenas no mesmo sentido de quem se refere a um fictício presidente dos Estados Unidos ou um primeiro-ministro britânico. Os personagens que criei para ocupar esses cargos não têm a intenção de se assemelhar às pessoas que os ocupam na vida real; se errei, e se alguma semelhança tiver ocorrido por coincidência, peço desculpas. Da mesma maneira, a despeito de algumas semelhanças superficiais, o Santo Padre falecido em *Conclave* de modo algum pretende ser um retrato do papa atual.

Achei que seria mais prudente não fazer as refeições entre os cardeais.

Eu comia no meu quarto. Na décima primeira votação, fui eleito papa. Ó Jesus, também eu posso dizer o que Pio XII disse quando foi eleito: “Tende piedade de mim, Senhor, pela vossa misericórdia”.

Alguém poderia dizer que parece um sonho, e no entanto, até o dia da minha morte, é a realidade mais solene de toda a minha vida. De modo que estou pronto, Senhor, “para viver e morrer convosco”. Havia 300 mil pessoas me aplaudindo no balcão da Basílica de São Pedro. As luzes incandescentes me impediam de ver algo além de uma massa informe que parecia ondular.

Papa João XXIII, anotação em seu diário, 28 de outubro de 1958

Eu era solitário antes, mas agora minha solidão tornou-se completa e estarrecedora. Daí a tontura, como se fosse uma vertigem.

Como uma estátua num pedestal. É assim que vivo agora.

Papa Paulo VI

MAPA DO CONCLAVE PAPAL

OS JARDINS
DO VATICANO

PALAZZO DE
GOVERNATORATO

IGREJA DE
SANTO ESTÊVÃO

Via delle
Fondamenta

BASÍLICA DE
SÃO PEDRO

PIAZZA
SANTA MARTA

PALAZZO
SAN CARLO

CASA SANTA
MARTA

Cortile della
Sentinella

Cortile
Borgia

CAPELA
SISTINA

Capela
Paulina

Sala
Régia

PALÁCIO
APOSTÓLICO

Cortile del
Pappagalli

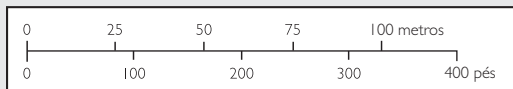
Cortile del
Maresciallo

PRAÇA DE
SÃO PEDRO

PALÁCIO DO
SANTO OFÍCIO

R O M A

--- Fronteira internacional
— Muro da cidade



1. *Sede vacante*

O cardeal Lomeli deixou seu apartamento no Palácio do Santo Ofício um pouco antes das duas da manhã e se apressou por entre os claustros escuros da Cidade do Vaticano, rumo aos aposentos do papa.

No caminho ia rezando: *Ó Senhor, ele ainda tem tanto a realizar, e por outro lado todo meu trabalho útil ao vosso serviço já está feito. Ele é amado, e eu sou esquecido. Poupei-o, Senhor. Poupei-o. Levai a mim, em vez dele.*

Subiu com dificuldade a ladeira calçada de pedras que conduzia à Piazza Santa Marta. O ar de Roma estava agradável e enevoado, e ainda assim ele já podia detectar os primeiros sopros frios do outono. Chovia de mansinho. Ao telefone, a voz do prefeito da Casa Pontifícia soava tão cheia de pânico que ele esperou encontrar, à chegada, uma cena de pandemônio. Na verdade, a praça estava surpreendentemente quieta, a não ser por uma ambulância solitária estacionada discretamente a certa distância, com a silhueta projetada no iluminado flanco sul da Basílica de São Pedro. A luz interna do veículo estava acesa, e os limpadores de para-brisa se agitavam em vaivém; ele estava próximo o bastante para distinguir os rostos do motorista e do seu assistente. O motorista estava falando num celular, e Lomeli pensou, com um choque: eles não vieram para conduzir um homem doente ao hospital, vieram buscar um corpo.

Na entrada da Casa Santa Marta, com suas incongruentes portas de vidro, o guarda suíço fez a saudação, erguendo a mão calçada de luva branca até tocar com os dedos o elmo ornado com pluma vermelha.

— Eminência.

Lomeli, fazendo um gesto na direção do veículo, disse:

— Por favor, poderia se certificar de que aquele homem não esteja ligando para a imprensa?

O edifício tinha uma atmosfera austera, antisséptica, como a de uma clínica particular. No saguão de mármore branco, uma dúzia de padres, sendo três de roupão, estavam parados e perplexos, como se um alarme de incêndio tivesse soado e eles não soubessem ao certo como proceder. Lomeli hesitou no umbral, sentiu algo em sua mão esquerda e viu que estava segurando seu solidéu vermelho. Não se lembrava de tê-lo trazido. Desdobrou-o e o colocou na cabeça. Sentiu o cabelo úmido ao toque. Um bispo, um dos africanos, tentou interceptá-lo quando ele caminhou para o elevador, mas Lomeli apenas o cumprimentou com um aceno e não se deteve.

O elevador demorou séculos para chegar. Deveria ter usado as escadas, mas estava com o fôlego curto. Sentiu o olhar dos demais às suas costas. Devia dizer alguma coisa. O elevador chegou. As portas se abriram. Ele se virou e ergueu a mão em bênção.

— Orai! — disse ele.

Apertou o botão do segundo andar, as portas se fecharam e ele começou a subir.

Se é Vossa vontade chamá-lo à Vossa presença e me deixar para trás, dai-me força para ser a rocha onde outros possam se apoiar.

No espelho, por baixo da luz amarela, seu rosto cadavérico estava lívido e cheio de manchas. Ele ansiou por um sinal, por algo que lhe injetasse um pouco de ânimo. O elevador parou abruptamente, sacolejando, mas seu estômago pareceu continuar a subida, e ele teve que agarrar o apoio de metal para manter-se firme. Lembrou que certa vez ia naquele mesmo elevador em companhia do Santo Padre, no início do seu papado, quando dois monsenhores idosos entraram. Imediatamente caíram de joelhos, atônitos ao se verem face a face com o representante de Cristo na Terra, diante do que o papa deu uma risada e disse: “Não vos preocupeis, levantai-vos, sou apenas um velho pecador, não sou melhor que vós...”.

O cardeal ergueu o queixo. Sua máscara pública. As portas se abriram. Uma pesada cortina de ternos pretos se afastou para deixá-lo passar. Ele ouviu um dos seguranças murmurar para a lapela: “O decano chegou”.

Do lado oposto daquele espaço, em diagonal, três freiras, irmãs da Companhia das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, estavam

de mãos dadas, chorando. O arcebispo Woźniak, prefeito da Casa Pontifícia, adiantou-se para recebê-lo. Por trás dos óculos de aro de metal, seus olhos cinza-claros estavam inchados. Ele ergueu as mãos e disse, num tom desamparado:

— Eminência...

Lomeli tomou nas mãos o rosto do arcebispo e o apertou de leve. Sentiu a barba ligeiramente por fazer no rosto jovem do outro.

— Janusz, sua presença o deixava tão feliz.

Então, outro dos seguranças — ou talvez fosse um agente funerário: ambas as profissões se vestiam de forma tão parecida —, de qualquer modo, outro indivíduo de preto abriu para eles a porta da suíte.

A pequena sala de estar e o ainda menor quarto de dormir estavam repletos de gente. Depois, Lomeli fez uma lista em que lembrou mais de doze nomes de pessoas presentes, sem contar os seguranças — dois médicos, dois secretários particulares, o mestre das Celebrações Litúrgicas Pontifícias, cujo nome era arcebispo Mandorff, pelo menos quatro padres da Câmara Apostólica, Woźniak e, é claro, os quatro cardeais seniores da Igreja católica: o secretário de Estado, Aldo Bellini; o camerlengo, ou capelão da Santa Sé, Joseph Tremblay; o cardeal Penitenciário-Mor, ou chefe dos confessores, Joshua Adeyemi; e ele próprio, como o decano do Colégio dos Cardeais. Em sua vaidade, ele imaginara que seria o primeiro a ser chamado; na verdade, como estava vendo agora, era o último.

Seguiu Woźniak para dentro do quarto de dormir. Era a primeira vez que o via por dentro. Todas as outras vezes que havia ido, a grande porta dupla estava fechada. A cama papal renascentista, tendo acima de si um crucifixo, ficava virada de frente para a antessala. Ocupava quase todo o espaço — uma cama pesada, quadrada, de carvalho polido — e era grande demais para aquele quarto. Cabia a ela o único toque majestoso do aposento. Bellini e Tremblay estavam de joelhos junto à cama, de cabeça baixa. Ele precisou passar por cima das panturrilhas de ambos para se aproximar dos travesseiros onde o papa jazia, o corpo ligeiramente elevado, oculto pelo edredom branco, as mãos cruzadas sobre o peito, por cima da cruz simples de ferro que trazia ao pescoço.

Lomeli não estava acostumado a vê-lo sem os óculos, que estavam dobrados sobre a mesinha de cabeceira, ao lado de um despertador

de viagem com muito uso. A armação tinha deixado marcas avermelhadas de ambos os lados do nariz dele. Em geral, na experiência de Lomeli, o rosto dos mortos era flácido e estúpido. Mas aquele parecia alerta, quase se divertindo, como se tivesse sido interrompido no meio de uma frase. Quando se curvou para beijar-lhe a testa, notou uma minúscula mancha de creme dental branco no canto esquerdo da boca, sentiu o cheiro de menta e de algum xampu floral. Parecia que ele iria dizer algo a qualquer momento.

Lomeli murmurou:

— Por que Ele vos chamou, quando ainda havia tanta coisa a ser feita por vós?

“Subvenite, Sancti Dei...”

Adeyemi começou a entoar a liturgia. Lomeli percebeu que tinham estado esperando por ele. Ajoelhou-se com cuidado sobre o piso luzidio parquetado, juntou as mãos postas em prece, apoiadas na lateral da cama, e depois enterrou o rosto na palma das mãos.

— ... *ocurrite, Angeli Domini...*

“Vinde ao seu auxílio, Santos do Senhor; vinde ao seu encontro, Anjos do Senhor...”

A voz de baixo profundo do cardeal nigeriano reverberava dentro do pequeno quarto.

— ... *Suscipientes animam eius. Offerentes eam in conspectu Altissimi...*

“... Recebei sua alma e conduzi-a à presença do Altíssimo...”

As palavras ressoavam na cabeça de Lomeli sem produzir sentido. Isso estava acontecendo com frequência cada vez maior. *Rezo para ti, Senhor, mas não tenho resposta.* Uma espécie de insônia espiritual, de ruído de interferência, vinha invadindo-o desde o ano anterior, negando-lhe aquela comunhão com o Espírito Santo que ele antes era capaz de alcançar com tanta naturalidade. E tal como se dá com o sono, quanto mais ele desejava uma prece carregada de sentido, mais elusiva ela se tornava. Tinha confessado essa crise ao papa no último encontro entre os dois — tinha lhe pedido permissão para deixar Roma, abdicar de seus deveres como decano e retirar-se para o interior de uma ordem religiosa. Estava com setenta e cinco anos, na idade da aposentadoria. Porém, o Santo Padre tinha reagido com uma

dureza inesperada. “Alguns são escolhidos para ser pastores, outros para administrar a fazenda. Sua função não é pastoral. O senhor não é um pastor, é um administrador. Acha que para mim é fácil? Precisamos de sua presença aqui. Não se preocupe. Deus retornará. Ele sempre o faz.” Lomeli ficou magoado — um administrador, é assim que ele me vê? — e, quando se despediram, havia entre os dois uma certa frieza. Foi a última vez que conversaram.

— ... *Requiem aeternam dona ei, Domine: et lux perpetua luceat ei...*

“Que a luz eterna lhe seja concedida, ó Senhor; deixai que a perpétua luz brilhe sobre ele...”

Quando a liturgia acabou de ser recitada, os quatro cardeais continuaram em volta da cama, em prece silenciosa. Depois de alguns minutos, Lomeli virou um pouquinho a cabeça e entreabriu os olhos. Por trás deles, no quarto, permaneciam todos ajoelhados, de cabeça baixa. Ele voltou a esconder o rosto nas mãos.

Sentia-se triste ao pensar que a longa convivência entre os dois tinha terminado com uma nota triste. Tentou lembrar quando acontecera. Duas semanas antes? Não, um mês — 17 de setembro, para ser exato, depois da missa em comemoração da impressão dos estigmas em São Francisco — o período mais longo que ele passara sem ter uma audiência privada com o papa, desde a eleição deste. Talvez o Santo Padre já começasse a pressentir que a morte se aproximava e que não conseguiria completar sua missão; talvez isso explicasse sua irritação pouco habitual.

O quarto estava totalmente em silêncio. Ele pensou qual seria o primeiro a interromper a meditação. Achou que seria Tremblay. O franco-canadense estava sempre apressado, um norte-americano típico. E de fato, depois de mais alguns instantes, Tremblay soltou um suspiro — uma exalação longa. Teatral, quase um êxtase. “Ele está com Deus”, disse, e esticou os braços. Lomeli achou que ele estava a ponto de proferir uma bênção, mas em vez disso seu gesto foi um sinal para dois assistentes da Câmara Apostólica, que entraram no quarto e o ajudaram a ficar de pé. Um deles trazia uma caixinha de prata.

— Arcebispo Woźniak — disse Tremblay, enquanto todos se punham de pé —, pode me trazer, por gentileza, o anel do Santo Padre?